

# Turismo e migração na construção de identidades e territorialidades em balneários turísticos: o caso de Pipa-RN-Brasil

**Priscilla Carla Leite MARQUES<sup>1</sup>**  
**Patrícia Lins de Arroxelas GALVÃO<sup>2</sup>**

**Resumo:** A intenção desse artigo é discutir a contribuição do turismo e da conseqüente migração que a atividade origina na construção da identidade de um balneário turístico, usando nas reflexões conteúdos sobre territorialidade. Nesse caso, a localidade estudada é a badalada praia do litoral potiguar, Pipa, que, ao longo dos anos, vem se tornando uma referência no turismo de sol e mar no Brasil. Por conta da circulação de pessoas de diferentes origens, Pipa tornou-se um lugar de hibridéz cultural notável. Alguns turistas viram migrantes que se instalam na praia, desenvolvendo equipamentos e serviços turísticos, trazendo à tona sua cultura, mesclando sua identidade a identidade do local, conformando e construindo um espaço diferenciado por conta dessa interseção de elementos culturais. Utilizou-se como método o trabalho de campo com ênfase na observação participante. As visitas que coletaram o material para esse estudo vêm ocorrendo desde 2010. Contudo, o olhar mais apurado para as questões sobre território e construção identitária do balneário ocorreram em 2014 e em 2015. É relevante comentar que esse fenômeno não acontece somente em Pipa. Outros balneários turísticos passam por processos bastante semelhantes, pois, turisticamente, os procedimentos de construção de um destino litorâneo perpassam pelo uso de marcas identitárias e mercadológicas que ajudam na compreensão do tipo de prática turística que o lugar oferta. Nota-se, então, que a Pipa possui uma identidade dual Global/Local, que prejudica em parte, a criação de uma marca diferenciada para o destino, mas que segue de tal forma imbricada que não se percebe em campo uma reivindicação da qual seja a identidade certa ou errada.

**Palavras-chave:** Migração; Turismo; Identidade; Território; Pipa.

## 1 Introdução

O presente artigo objetiva discutir como o turismo e a migração contribuem para a construção de uma localidade e de sua identidade, perpassando pelas discussões sobre territorialidade. Em realidade, percebe-se nos balneários turísticos do nordeste brasileiro que existe um processo comum de construção do espaço estabelecido na circulação de pessoas, inicialmente para conhecer o destino, às vezes fixando residência, o que vai provocar uma intensa troca cultural que vai terminar conformando o lugar e também sua identidade.

---

<sup>1</sup> Turismóloga e Mestre em Antropologia. Professora de Turismo da Uninassau e Facottur. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7662075444582781>. E-mail: [priscillaclm@gmail.com](mailto:priscillaclm@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutoranda em Turismo - UFRN. Professora de Turismo do IFAL. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4742219H5>. E-mail: [parroxelas@yahoo.com](mailto:parroxelas@yahoo.com)

As praias no nordeste brasileiro são grandes atrativos turísticos do país. Possuem paisagens singulares, atrativos culturais e naturais de grande valor, praias claras e calmas de águas mornas que fazem esses espaços serem o sonho de consumo e de modo de viver de diversos indivíduos em toda parte do mundo. Sendo assim, o litoral nordestino torna-se o lugar que se estabelece nessa confluência de pessoas que circulam, se apaixonam e migram instituindo um forte intercâmbio cultural.

Essas praias, hoje balneários turísticos, tem sua história de desenvolvimento atrelada a esse movimento de migração que, por sua vez, se constitui a partir da movimentação turística (geralmente não comercial). Os viajantes descobrem esses, até então, novos locais e impulsionados muitas vezes pela busca do paraíso perdido resolvem ficar, fixar residência. Como afirma Trigo (2013: 119), o Brasil “[...] possui laivos paradisíacos, o que reforça o orgulho nacional e atrai estrangeiros interessados em experiências instigantes”. A experiência é tão significativa que, comumente, alguns desses visitantes viram migrantes e muitos desses agora migrantes contribuem decisivamente para o desenvolvimento da atividade turística no local. Muitos deles abrem empreendimentos como pousadas, privês, restaurantes, bares, ou atuam como ambulantes, sejam comercializando comida ou artesanato.

Verifica-se que a trajetória de constituição de um lugar com uma identidade tão híbrida não ocorre somente em Pipa, como um fenômeno isolado, mas em muitas praias do nordeste brasileiro como Itacaré e Morro de São Paulo na Bahia, Praia do Francês e Maragogi em Alagoas, Porto de Galinhas em Pernambuco, Pipa no Rio Grande do Norte, Canoa Quebrada e Jericoacoara no Ceará, entre outros destinos, mesmo que ainda seja fortemente sazonal.

A praia foco desse estudo, Pipa, localizada a 88 km de Natal, capital do Rio Grande do Norte, tem sua história de desenvolvimento do turismo registrada a partir da década de 80. No final da década de 70, foi descoberta pelos surfistas que buscavam novas praias para a prática do esporte. Justamente por suas características físicas e naturais, atrai até hoje um grande grupo de visitantes em busca de atividades esportivas, contudo também tem atraído o público jovem por conta de sua famosa badalação noturna, com muitos bares, restaurantes e boates, com temáticas das mais variadas, explorando tanto a cozinha típica como também a internacional.

Pipa possui um litoral com 16 km de extensão. Além das praias, possui como atrativos de destaque o parque ecológico e os passeios de barcos. A grande característica geomorfológica da região é a presença das falésias, produto de processos erosivos naturais, originando paredões rochosos altos e abruptos, ao longo desse litoral, dando à localidade uma característica peculiar que reforça, desse modo, e agrega valor ao produto sol e mar vendido. Além disso, dispõe de uma vasta hotelaria, com equipamentos para diferentes públicos que o balneário termina por atrair. Os serviços turísticos ligados a passeios e atividades esportivas também estão bastante aquecidos no local, com muitas agências,

entre grandes receptivos e pequenas lojas, desenvolvendo variadas atividades, colaborando com o posicionamento de Pipa em importante produto turístico do nordeste.

Os trabalhos de campo que serviram para coletar o material para essa análise foram realizados no mês de maio de 2014 e 2015, no feriado do dia 1º de maio, em ambos os anos. Em 2010 foram realizados estudos exploratórios preliminares que permitiram que esse destino fosse escolhido como objeto para essa discussão.

A observação participante foi o método base da investigação, utilizando como ferramenta de coleta de dados as conversas informais com os moradores locais, sendo eles migrantes ou não, e as notas de observação. A escolha da observação participante se deu por permitir ao pesquisador se comportar como um visitante comum e, dessa forma, se relacionar de maneira mais próxima com os atores locais que conformam a identidade do lugar em questão.

## **2 Território e Turismo**

O processo de expansão do turismo no litoral brasileiro, e mais especificamente no nordeste, envolve o crescimento da oferta de serviços e afeta empresas turísticas, empresários de outras atividades econômicas, investidores financeiros e as esferas governamentais. Essa expansão dos mais diversos equipamentos de uso turístico e de lazer tem implicado na ocupação e no reordenamento da costa litorânea nordestina. Muitos estudos<sup>3</sup> apontam para o turismo como responsável por significativas transformações espaciais, territoriais, sociais, culturais e ambientais na zona costeira nordestina, o que gerou certa valorização da área de praia enquanto espaço de lazer e contemplação. Trata-se de intensa dinâmica instalada no litoral, especialmente próximo à região metropolitana.

Moraes (2007) trata especificamente das transformações pelas quais o litoral tem passado, uma vez que a região litorânea também, e de certa forma, se moderniza por meio de uma apropriação cultural que a identifica como espaço dinâmico de lazer. Dessa forma, tem-se percebido como as atividades de turismo e lazer vem se apropriando e se dinamizando espacial, cultural e socialmente no litoral, mais especificamente em Pipa, gerando certa urbanização e uso litorâneo.

Nessa perspectiva, o uso das zonas costeiras, conforme Corbin (1989), possui uma importância social atribuída primeiramente ao uso dos balneários como recurso terapêutico e, posteriormente, recreativo. Após a utilização do banho de mar no Mediterrâneo, no século XVIII, e no Brasil, no século XIX, percebe-se o crescente fluxo em busca do litoral, como afirma Moraes (2007) que não existem terrenos sem ao menos um proprietário na faixa litorânea brasileira.

---

<sup>3</sup> Para aprofundamento desses estudos, ver Fonseca (2005, 2007, 2012), Luchiari (2002), Cruz (2002), Coriolano (2007), Barros (2009), dentre outros.

O litoral nordestino, a partir da década de 80, passou a ser fomentado, por meio de incentivos públicos, como o “novo caribe”. Houve política de fomento à criação de polos turísticos equipados com certa infraestrutura urbana para instalação de rede hoteleira. Cruz (2002) aborda os principais projetos de intervenção do poder público incentivando o setor hoteleiro a investir no litoral nordestino, como os projetos Parque das Dunas - RN, Cabo Branco - PB, Costa Dourada - PE/AL e Linha Verde - BA. Assim, nos anos 90, o Programa para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste – PRODETUR contribuiu para o incremento do turismo na região nordeste.

Essas novas atividades no setor de serviços, lazer e segunda residência despontam como fatores que propiciam o crescimento econômico das localidades, principalmente no litoral nordestino. Assim, o turismo vem contribuindo crescentemente com a dinamização da zona costeira. Novas configurações territoriais são determinantes para o desenvolvimento local. No entanto, a concepção de desenvolvimento vai muito além da acumulação de riqueza e crescimento do Produto Interno Bruto – PIB.

Muitos pesquisadores têm apontado para elementos como inovação, avanço tecnológico e política industrial como preponderantes, uma vez que esses fatores, aliado ao crescimento econômico, podem gerar mudanças. Brandão (2008) aborda a interregionalidade territorial como características importantes para construção de uma agenda de desenvolvimento a partir da discussão das relações dinâmicas, interurbanas e intraurbanas. Deve-se, ainda, conceber o território, não como simples categoria de análise, mas sim como um elemento da realidade, uma construção social, multidimensional.

O conceito de território tem amplas abordagens envolvendo, também, debates filosóficos e antropológicos, que devem ser considerados nas análises dessa categoria. Haesbaert (2011: 16) ressalta que a territorialidade é um fator intrínseco às relações humanas e que corresponde ao “processo de domínio (político-econômico) e/ou de apropriação (simbólico-cultural) do espaço pelos territórios humanos”. Nesse sentido, o território implica em uma organização política para gestão do espaço, como também um jogo de identidade cultural dos indivíduos com esse espaço. Procura-se integrar os aspectos políticos, econômicos e culturais do território.

Nessa perspectiva, o território torna-se espaço das possibilidades, visto que há certa dinâmica agindo e interagindo, incorporando uma trajetória histórica, compondo o território de certa produção coletiva. Ainda para Haesbart (2011), são nos aspectos políticos que se pode entender o território como relações de espaço-poder, institucionalizado, espaço delimitado e controlado, espaço do poder político (mas não exclusivamente) do Estado; já nos aspectos econômicos, o território é visto como recursos materiais à sobrevivência, à vivência e às trocas humanas; e, a partir de seu aspecto cultural, o território pode ser analisado como produto da valorização/apropriação simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.

Para Souza (2013: 78), os aspectos econômicos e culturais devem ser condições integradoras para o conceito de território, mas o caráter político é primordial nessa

categoria. Para ele, o território é o “espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. O autor ressalta, então, que os processos de produção, a circulação de bens e serviços, a força de trabalho, como também o simbolismo, a identidade, a teia de significados devem estar vinculados ao território, pois, embora não haja intenção em negar, absolutamente, esses aspectos também são fundamentais para se compreender a gênese do território ou, ainda, a razão pelo interesse em manter o território.

Dentro desse contexto, é importante perceber, portanto, que não haveria um processo de desterritorialização que não fosse seguido, conseqüentemente, de um processo de reterritorialização, diante da intrínseca relação entre as relações humanas, sobretudo aquelas vivenciadas cotidianamente, com a noção de território enquanto espaço de experiência de vida. Assim, ao analisar de forma integradora, para compreender determinada dinâmica territorial, Haesbaert (2011) ressalta que, na prática, para muitos grupos de sociedades atuais, o processo de territorialidade ocorre de maneira múltipla, onde diferentes espaços, modos de vida e mesmo culturas são experimentados e vividos por esses indivíduos. Esse aspecto, portanto, torna-se ainda mais evidente quando se analisa a dinâmica territorial da vida urbana e, mais especificamente, os processos que tornam espaços urbanos também em espaços turísticos.

A multiterritorialização é, então, a possibilidade de experimentar diferentes territórios simultaneamente, reconstruindo o nosso. Ainda segundo Haesbaert (2011: 32), esse seria um “processo concomitante de destruição e construção de territórios mesclando diferentes modalidades territoriais (como os “territórios-zona” e os “territórios-rede”), em múltiplas escalas e novas formas de articulação territorial”. Desse modo, podemos observar a complexidade da dinâmica territorial nos processos de apropriação e uso turístico do território.

Assim, devemos analisar o território como um “campo de força” e, nesse sentido, entende-se a turistificação como um processo que envolve relações de poder para legitimar o que pode ser considerado espaço de uso turístico e que, ao mesmo tempo, pode envolver diferentes grupos e indivíduos e seu papéis nesse processo de multiterritorialização, uma vez que os limites espaciais de um território podem mudar, de acordo com um grupo ou com o aspecto territorial estudado, sem que necessariamente mude o substrato espacial onde as relações territoriais se projetam. A necessidade de estudar o turismo e suas relações estabelecidas no território, identificando a importância do mesmo no cenário para o desenvolvimento local.

O turismo, enquanto um conjunto de práticas de lazer realizadas por pessoas que se deslocam a um lugar diferente do seu, tem como características intrínsecas os processos de seleção, apropriação (material e simbólica) e uso de elementos naturais, culturais e espaciais dos territórios visitados. Relacionados ao turismo, esses processos são protagonizados tanto pelos turistas quanto por instituições e a sociedade residente no destino.

Muitos estudos sobre as dinâmicas do turismo difundidos no meio acadêmico apontam para a negação das territorialidades que o turismo pode provocar numa localidade,

ou seja, o turismo estaria provocando a desterritorialização dos espaços receptores de fluxos turísticos. Nessas análises, os espaços e práticas culturais e econômicas ligadas ao turismo negariam as territorialidades do local onde ocorrem, desenvolvendo-se, portanto, sem uma relação identitária ou sem sentimento de pertencimento por parte dos indivíduos com relação ao território-destino turístico.

No entanto, ainda que esse modo de analisar as dinâmicas culturais e espaciais do turismo revelem aspectos importantes e subsidie reflexões, questiona-se se essa prática social e a rede institucional gerada também não seriam responsáveis por processos de (re)territorialização pelos diversos indivíduos envolvidos, partindo das reflexões feitas por Haesbaert (2011) de que a territorialidade é inerente a natureza humana e a suas práticas sociais.

Considerando o turismo como atividade de destacada participação na produção social do espaço, diversos pesquisadores buscam entender o processo de turistificação, uma vez que vários outros aspectos da sociedade contemporânea podem ser analisados por meio do processo de apropriação, uso e transformações em decorrência do turismo. Cruz (2007) entende o processo de turistificação como apropriação e uso do espaço pelo e para o turismo e ressalta que não ocorrem apenas intervenções no sistema de objetos, por meio de mudanças físicas no espaço, mas também o sistema de ações recebem modificações. Para a autora, não há turistificação apenas do campo material, mas principalmente no campo imaterial da sociedade.

Assim, especialmente ao se analisar a existência de atividades turísticas no litoral nordestino, o turismo tem a característica de criação de novos objetos e se apropria, também, de objetos preexistentes, atribuindo-lhes novos significados e novas funções. Conforme Figueiredo (2008: 86), a turistificação surge como um novo conceito e indica certo direcionamento nas cidades, ou seja, a partir da transformação da localidade (paisagem, espaço urbano, ordenamento territorial), estas podem se adequar às novas atividades econômicas que surgirão. Esse ajuste “não se dá sem a modificação incisiva da paisagem e de seus elementos [...]. Os elementos são conformados para simbolizar, receber e acolher”. Portanto, a turistificação deixa, no espaço, suas marcas e evidências.

## **2.1 Territorialidade de Pipa-RN**

A praia de Pipa está localizada no município de Tibau do Sul, parte oriental do estado do Rio Grande do Norte. São 88 km de distância para a capital, Natal. O clima tropical típico, com forte influência marinha e alta estabilidade nas temperaturas ao longo da costa, oferece médias térmicas superiores a 22°C, conforme Barros (2009), sendo assim, as características físicas tornam a localidade bem propícia para as atividades de contemplação, lazer e turismo.

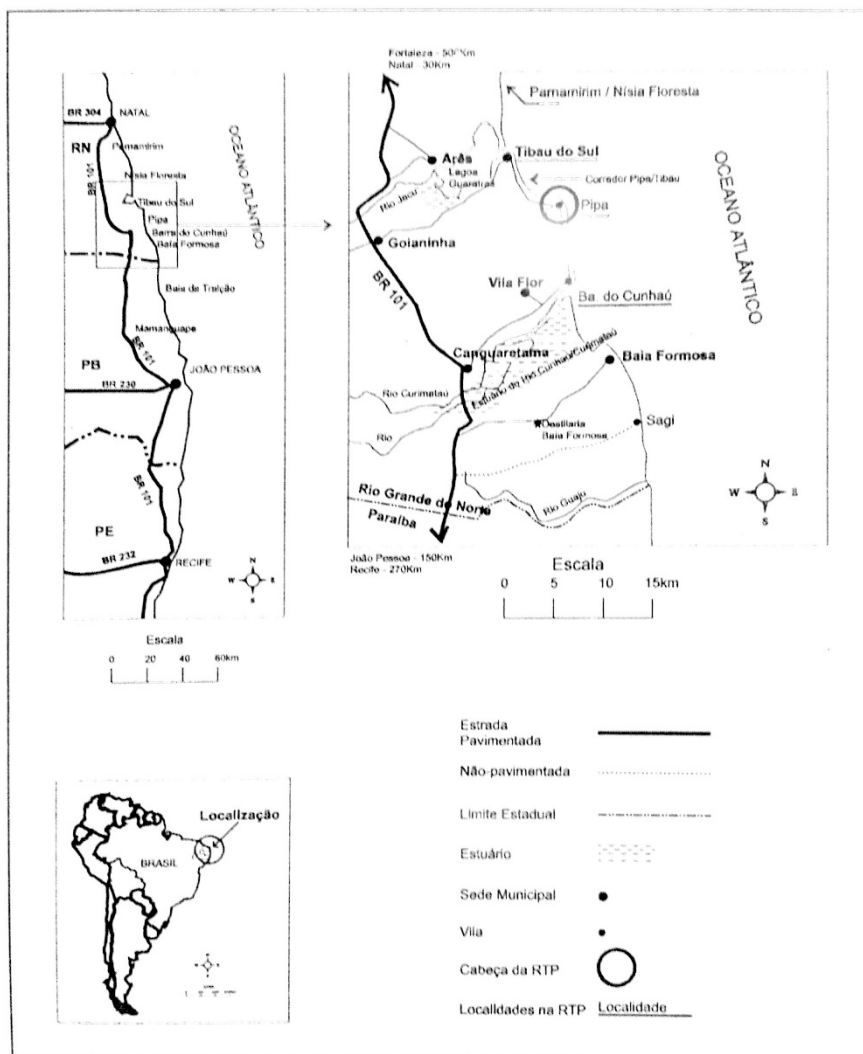
Uma grande característica de Pipa (e região) são os tabuleiros e falésias, originários das condições de subumidade e ação dos ventos alísios responsáveis pela condução dos



depósitos arenosos das praias, formando cordões litorâneos das dunas, uma atração turística diferenciada, conforme Barros (2009). Importante destacar que essa característica física foi bem propícia para o provimento do turismo, pois suas limitações do solo se tornaram desinteressantes para o cultivo agrícola comercial desde os tempos coloniais e incentivos à plantação da cana de açúcar que ocorreu em todo o nordeste brasileiro.

Anteriormente à década de 90, existiam algumas culturas de subsistência, plantadas nos terraços (sob as dunas). No entanto, a partir de 1990, o turismo passou a se apropriar do que não interessava à atividade agrícola e, progressivamente, as áreas foram incorporadas ao mercado imobiliário e ao turismo. Muito embora os estudos e pesquisas indiquem que o turismo tenha forte dinâmica na localidade, a carcinocultura (cultivo de camarão em escala industrial, com viveiros em águas estuarinas), tem também grande representatividade na economia local.

Figura 1: mapa da região turística de Pipa-RN



Fonte: Barros (2009)

A área de interesse turístico da praia de Pipa é uma faixa de praia que está alinhada à zona costeira de todo o município, estendendo-se desde a sede municipal até a vila de Pipa propriamente dita. Nesta localidade, está a maior concentração de equipamentos e serviços turísticos. A própria geomorfologia litorânea, com falésias e cordões de dunas, favorece uma curta faixa de praia e a concentração de pessoas no assentamento turístico, conhecido como vila de Pipa. Essa fisionomia de praias curtas e falésias estimula a construção de obras de circulação de pedestres (escadarias, muros, ladeiras) e utilização dos empreendimentos sobre as falésias. Essa é a situação de terreno mais disputada pelos investidores e empreendedores.

É sabido que grande parte dos investimentos do PRODETUR no Rio Grande do Norte foi aplicada em Natal e no litoral ao sul da capital (área de Parnamirim e Nísia Floresta), além da melhoria no aeroporto. De fato, os efeitos dos investimentos no Pólo Costa das Dunas causaram reverberações em Tibau do Sul, por contiguidade (contágio de vizinhança), contribuindo para o crescimento da região turística de Pipa. Os investimentos no sistema viário, com o asfaltamento e melhoria da BR-101, foram significativos para a atração de novos investimentos imobiliários em direção a Tibau do Sul, destinados a segunda residência e hotelaria. A partir desses incentivos do PRODETUR, há uma nova configuração do turismo no litoral do Rio Grande do Norte, com a internacionalização dos investimentos e demanda turística, que se caracterizam pela associação da hotelaria, segunda residência e áreas de lazer no mesmo empreendimento, exigindo grandes extensões de terras.

E dentro desse contexto, embora haja peculiaridades inerentes ao desenvolvimento da região de Pipa, há muitas características comuns a essas destinações litorâneas no nordeste, inclusive aquelas em que o desenvolvimento do turismo se deu de forma mais espontânea, ou melhor, aquelas localidades que se desenvolveram de forma mais lenta, decorrentes da ação de diversos investidores nacionais e/ou internacionais, de diferentes atividades e portes, tais como hospedagem, alimentação, transporte, lazer, entre outros.

### **3 A construção identitária em Pipa**

Identificar e destacar os elementos que constituem a identidade cultural de uma destinação turística é constantemente usada como uma competente estratégia de marketing frente à globalização, mesmo que, muitas vezes, não seja executada com o intuito meramente mercadológico. Dar destaque à personalidade e às características próprias de um lugar finda por fazê-lo interessante e curioso, as vezes exótico, qualidades que auxiliam um destino se diferenciar entre os demais estimulando sua procura.

Entretanto, cada vez mais, encontram-se destinos turísticos com identidades culturais reconfiguradas e estabelecidas a partir do processo de turistificação que transforma o espaço comum em um espaço de encontro. As identidades desses locais só começam a serem constituídas no enfrentamento com outra identidade que o visitante traz



consigo. Woodward (2000) relata que a identidade cultural é relacional e marcada pela diferença.

Os estudos sobre transnacionalidade auxiliam a discussão levantando como questão principal “a relação entre territórios e os diferentes arranjos socioculturais e políticos que orientam as maneiras como as pessoas representam pertencimento a unidades socioculturais, políticas e econômicas” (Ribeiro, 1997:02). As identidades, desse modo, se configurarão na atualidade pautada por essa questão. É no indivíduo e na sua relação com os espaços que as identidades têm se estruturado. Com a fluidez de fronteiras e com as consequências da globalização, os espaços não se tornam os únicos marcadores de identificação social e cultural, dificultado aos indivíduos e grupos culturais construir suas identidades pautadas apenas nas características territoriais do espaço vivido.

Os estudos sobre mobilidade que geram ponderações para compreender a fluidez do movimento das pessoas no mundo, a construção de fluxos constantes e, ao mesmo tempo, desconexos (Coriolano e Fernandes, 2014) também colaboram com a discussão. As mobilidades ligadas às atividades turísticas são pontuadas por demandas temporais. Sejam elas definitivas ou sem prazo determinado, essas mobilidades serão entendidas como migrações.

A migração coopera decisivamente na construção dessa identidade híbrida e múltipla que os balneários turísticos do nordeste brasileiro parecem ter no contexto atual. Esse fenômeno é diferenciado daqueles que a maioria dos estudos sobre migração relata. Tema discutido e estudado por vários segmentos das ciências humanas, a migração é descrita basicamente como obra de um “mecanismo gerador de equilíbrio para economias em mudança” e de “mobilidade forçada pelas necessidades do capital” (Coriolano e Fernandes, 2012: 04), compreensão que não dá conta daquilo que é percebido e visualizado nas praias nordestinas.

A migração a que o presente texto se refere versa sobre aqueles que migram por opção, pela busca de uma vida diferenciada que julgam encontrar nesses destinos que tem no meio ambiente natural e na cultura sua distinção, ajudando no fortalecimento das teorias de uma corrente de estudo das migrações que defendem esse deslocamento como uma escolha pessoal e não uma determinação social e econômica como acontece com os refugiados, que migram por obrigação, por imposições e limitações econômicas e estruturais do destino de origem.

Em Pipa, tem-se a impressão que as histórias de vida de seus migrantes são bastante semelhantes, sejam eles empreendedores ou artistas. Viajam caçando experiências novas e, algumas vezes, uma nova vida. Ribeiro (1997: 21), ao usar autores como Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc, ressalta que os migrantes que “desenvolvem e mantêm relações múltiplas - familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas - que cruzam fronteiras (...) e que forjam e sustentam relações sociais multi-entrelaçadas que unem suas sociedades de origem com a de residência” são chamados de transmigrantes.

Em Pipa, apesar de ter muitos migrantes empresários, donos de bares, restaurantes e empreendimentos hoteleiros, nota-se, de forma contundente, que eles também atuam como ambulantes e levam suas influências na formatação e venda de seus produtos. Na praia, há argentino vendendo empanada, típica comida de seu país de origem.

Para Santos (2010: 35), “a identidade étnica é uma construção por oposição, constantemente negociada”, o que ajuda a compreender a confluência de elementos exógenos com endógenos, muito presente na praia de Pipa. Percebe-se que os elementos culturais locais se misturam aos trazidos pelos migrantes que nem sempre são estrangeiros, há migrantes de outras regiões e estados do Brasil, cunhando uma identidade diferenciada ao balneário. Os migrantes e turistas se misturam na praia. Há a presença marcante de jovens estrangeiros, mas a praia também é bastante frequentada por brasileiros.

A gastronomia é um elemento importante na conformação da identidade cultural de um lugar. Para Lipovetsky (2011: 116), “a alimentação é igualmente um domínio que ilustra com força a persistência das tradições nacionais e locais”. Mesmo com uma forte presença da gastronomia nordestina e litorânea em Pipa, com diversos equipamentos que exploram essa culinária, sancionando a declaração do autor, há na localidade inúmeros empreendimentos que desenvolvem a cozinha internacional, destacando-se a italiana e francesa.

O sorvete que é um produto típico dos cenários tropicais também reflete esse hibridismo. Além dos sabores dos produtos e frutas locais, encontra-se, facilmente, sabores típicos de outros lugares como o *alfajor*, doce de origem argentina. Talvez seja para agradar aos turistas – há muitos visitantes da região do Rio da Prata – ou ajudar a amenizar a saudade dos que migraram e minimizar as diferenças alimentares encontradas, ou ainda somente por estar na moda e ter caído no gosto popular, uma vez que a Argentina tornou-se um destino bastante visitado pelos brasileiros e seus produtos também se tornaram bastante familiares.

Os espaços gastronômicos incorporam muito bem os elementos culturais que circulam devido à globalização. Observa-se em Pipa restaurantes com cozinha japonesa, italiana, francesa, argentina, com duas ou três cozinhas misturadas em um só espaço. É notável que o balneário também criou um ambiente de paraíso tropical, tão buscado pelos turistas, que é comumente reproduzido em muitos locais litorâneos. Foram instituídos elementos que identificam esses espaços em todo mundo, no entanto, eles pertencem a um determinado lugar, como é o caso das casinhas brancas nas ilhas gregas. Existe em Pipa restaurante explorando essa temática, para que muitos visitantes entrem no clima de praia e se sintam familiarizados. Como muitos destinos litorâneos no Brasil adotam esse modelo, notam-se muitas praias com similitudes, independentemente de onde se localizem, desterritorializando o espaço.

O que se percebe, de fato, é que Pipa é multifacetada. Existem lugares com forte inspiração de praia nordestina, explorando no seu cardápio e decoração os produtos litorâneos do nordeste brasileiro, como há espaços com características globais de cenários

construídos pela mídia em conformidade com o ideal de balneários paradisíacos. Isso se dá também por entender que há um público bastante diverso buscando essas praias.

Constata-se, então, que Pipa passa por esse processo de migração que contribui de forma decisiva na construção da identidade cultural da localidade. Essa identidade, por sua vez, é diversa, múltipla, híbrida e se remonta sucessivamente não só pelas influências dos migrantes, mas também pelo desenvolvimento da atividade turística, pela própria globalização e pela natureza da cultura humana sempre em transformação. Hall (1997) ajuda nessa verificação quando coloca que não somente as identidades culturais estão se redefinindo. Por conta da grande exposição que muitas regiões vivem devido às variadas conexões que se estabelecem com outras regiões, mudam-se também as instituições sociais. Santos (2010) afirma que a identidade é um processo, e como processo se constitui de constantes etapas negociadas, permanentemente construído e reconstruído nas trocas simbólicas sociais.

Ainda sobre esses migrantes é evidente que ao se instalarem na praia de Pipa suas identidades individuais continuam vivas e presentes. Esse hibridismo sempre vai ocorrer por haver uma fusão dos traços locais com os traços dos migrantes, construindo uma nova identidade. Em Pipa não há somente migrantes argentinos, mas muitos turistas argentinos também, fazendo a língua espanhola ser bastante ouvida na praia e seus hábitos e costumes serem incorporados ao cotidiano local.

A aculturação relatada por muitos teóricos a partir do efeito demonstração, termo cunhado para caracterizar o processo pelo qual as sociedades receptoras têm em adotar o comportamento dos turistas, mais descontraídos e hedonistas (Burns, 2002), não acontece como de costume nos destinos massivos. Nota-se que a identidade cultural desses lugares se constrói do imbricamento de variadas identidades. Elas não se sobrepõem umas às outras, elas se somam.

Dentro dessa perspectiva, percebe-se que isso também se deve ao tipo de migrante que Pipa recebeu. São pessoas que tem interesse nas trocas culturais, inclusive, para alguns os aspectos culturais também influenciaram na decisão de permanecer nas praias, pois é como se essa cultura fosse algo pouco descaracterizado, pouco explorado. É como se o local, ainda em processo de urbanização, se tornasse menos artificial, aspectos que alguns viajantes consideram para realizar seus deslocamentos.

Todavia, é relevante destacar que, na contemporaneidade, a fluidez na conformação de uma localidade e de sua identidade será marcada ora pela padronização ora pela diferença. Não há como afirmar que um desses pontos irá se sobrepor ao outro. A pesquisa de campo contínua poderá nos ajudar a refletir essas realidades locais. Pipa e seu constante movimento de pessoas possibilita, então, acompanhar a construção identitária de um destino turístico.

## 4 Conclusão

A pesquisa ainda encontra-se em sua fase inicial. Faz-se necessário um aprofundamento em questões que só serão mais bem desenvolvidas com a realização de entrevistas aos migrantes e nativos. A pesquisa, ainda em caráter empírico, nos permitiu visualizar diversos aspectos que auxiliam no entendimento da identidade cultural dos balneários turísticos como reflexo das transformações do mundo visto como uma grande aldeia global. Por serem ainda conclusões incipientes, é relevante destacar que a pesquisa deve se estender por outras praias do nordeste brasileiro para verificar se há a repetição do fenômeno. Estima-se que em setembro de 2016 a pesquisa será realizada na Praia do Frânces em Alagoas e em novembro, nas praias do Ceará. Em 2017, a pesquisa tem a intenção de seguir para o estado da Bahia.

Para entender a construção atual das identidades culturais dos destinos turísticos, Marques (2009), em estudos anteriores, explica que

a dualidade de se ter uma identidade global ou local, na verdade, parece não existir no confronto, mas na interseção. As identidades culturais nesses destinos nem são apenas globais, nem apenas locais. Podem ser entendidas como globais, pois possuem elementos diversos e de variadas origens, e podem ser entendidas como locais, pois são construções próprias, específicas. Contudo, se melhor traduzem no meio e não nos extremos.

Faz-se necessário, então, entender que essa identidade é, ao menos, dual e, assim sendo, não dever ser encerrada dentro de uma redoma de rótulos. É preciso observar essa importante característica das identidades construídas na contemporaneidade para pensar planos turísticos e de marketing que desafiam incessantemente os gestores em como singularizar o destino.

Mesmo sendo um problema a ser enfrentado por aqueles que atuam com marketing e planejamento turístico, o hibridismo da identidade dos destinos turísticos e sua homogeneidade não parecem ainda ser um problema insurgente da população desses locais, mesmo com a continuidade do trabalho de campo. Ainda não é claro se essa população reivindica uma identidade própria, distinta, uma vez que essa identidade só vem a surgir da definição da localidade refletida na atividade turística que lá se instalou e no encontro com o outro. Provavelmente, antes do encontro com a alteridade turística ou migrante não se observou e registrou qual era e como era essa identidade.

As discussões sobre territorialização aguçam a reflexão sobre identidade justamente por permitirem relacionar a concepção de território e seu debate sobre multiterritorialidade e desterritorialização com as práticas culturais ligadas à espacialidade dos locais em estudo.

É importante também construir uma revisão de literatura atualizada sobre as questões acerca dos temas identidades culturais, globalização, turismo, migração e também territorialização com a intenção de articular a ligação entre eles contribuindo para a construção de novos aportes teóricos que deem conta de compreender melhor a realidade

atual em Pipa e em outros balneários que possuem o turismo como marco para seu desenvolvimento.

Conclui-se, com esse breve estudo, que Pipa possui uma identidade híbrida e diversa, continuamente reconstruída pela influência do turismo e da migração, e que devido a essa complexa qualidade, tem encontrado dificuldade de se singularizar como destino litorâneo, visto que outras praias passam por trajetórias similares na construção de suas identidades culturais, também possuindo identidades híbridas. Mesmo havendo singularidades em seu território, a identidade cultural de Pipa não se construiu obedecendo somente a essa lógica, vem obedecendo com mais intensidade o imbricamento da dualidade global/local.

## Referências

- Barros, N.C.C. (2009). *Por que as Destinações Turísticas no Nordeste do Brasil não declinam?* Recife: Editora Universitária da UFPE. 134p.
- Burns, P. M. (2002). *Turismo e Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Chronos.
- Brandão, C. (2008). Pactos em Territórios: escalas de abordagem e ações pelo desenvolvimento. *O&S*, v. 15, N.45, abril-junho.
- Corbin, A. (1989). *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras. 385p.
- Coriolano, L.N.M.T. (2007). *O turismo e a relação sociedade-natureza*. Fortaleza: EDUECE. p. 19-43.
- Coriolano, L.N.M.T.; Fernandes, L.M.M. (2012). Migração Temporária e Mobilidade Sazonal no Turismo. Em Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo, São Paulo, 30 de ago e 01 set. 2012. *Anais do IX Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo*. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi.
- Coriolano, L.N.M.T.; Fernandes, L.M.M. (2014). Da mobilidade do trabalho à mobilidade no turismo. *ABET*, v.4, n.1, 46-52.
- Cruz, R.C.A. (2002). "As paisagens artificiais criadas pelo turismo". Em Yázigi, E. (org) *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Contexto. p. 107-119.
- Cruz, R.C.A. (2007). *Geografias do turismo: de lugares a pseudo-lugares*. São Paulo: Roca.
- Figueiredo, S. (2008). Espaços de cultura nas cidades: notas sobre o ordenamento, acessibilidade e turistificação. Em Figueiredo, S. (Org.). *Turismo, lazer e planejamento urbano e regional*. Belém: NAEA. p. 79-92.
- Fonseca, M.A.P. (2007). Tendências atuais do turismo potiguar: a internacionalização e a interiorização. Em Fonseca, M.A.P. e outros (orgs). *Dinâmica e gestão do território potiguar*. Natal: EDUFRN. p. 215-231.
- Fonseca, M.A.P. (2005). *Espaço, Políticas de Turismo e Competitividade*. Natal: EDUFRN. 225p.
- Fonseca, M.A.P. (2012). *Segunda residência, lazer e turismo*. Natal: EDUFRN. 226p.
- Haesbaert, R. (2011). *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Hall, S. (1997). *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

- Lipovetsky, G. (2011). *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Luchiari, M.T.D.P. (2002). Turismo e cultura caiçara no litoral norte paulista. Em Rodrigues, A.B. (org). *Turismo, modernidade, globalização*. 3 ed. São Paulo: HUCITEC. p. 136-154.
- Marques. P.C.L. (2009). Turismo, migração e globalização: analisando a construção de identidades culturais em destinações turísticas. Em Reunião de Antropologia do Mercosul, Buenos Aires, 29 de set a 02 de out. 2009. *Anais da VIII Reunião de Antropologia do Mercosul*. Buenos Aires: UNSAM.
- Moraes, A.C.R. (2007). *Contribuições para a gestão da zona costeira do Brasil: elementos para uma geografia do litoral brasileiro*. São Paulo: AnaBlumme. 232p.
- Ribeiro, G.L. (1997). *A condição da transnacionalidade*. Brasília: UNB, p.1-34. Série Antropologia.
- Santos, M.O. (2010). A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios. *Rev. Inter. Mob. Hum*, Ano XVIII, n. 34, 27-43.
- Souza, M. L. (2013). *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Trigo, L.G. (2013). *A viagem – caminho e experiência*. São Paulo: Aleph.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Em Silva, Tomaz Tadeu (org). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.